

Ano XXVIII  
1976  
9934  
Preço 1850

# DIÁRIO POPULAR

LISBOA  
3.º Ano  
16  
Junho

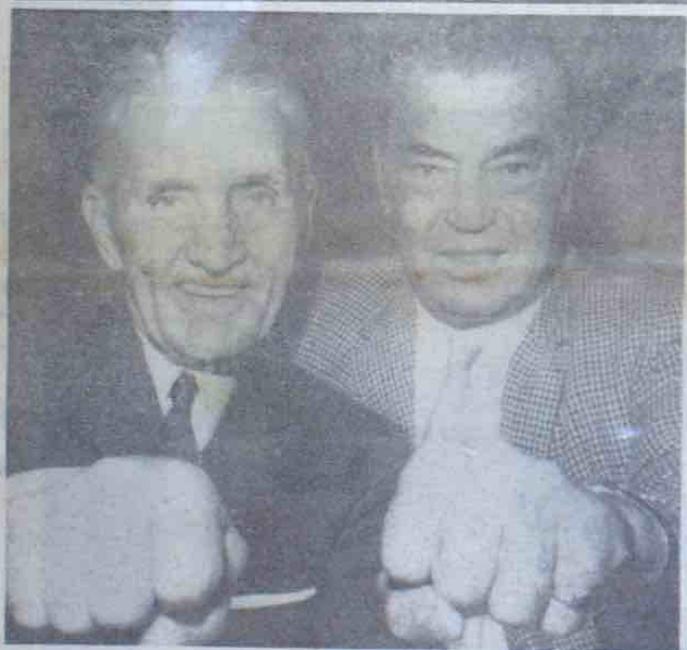
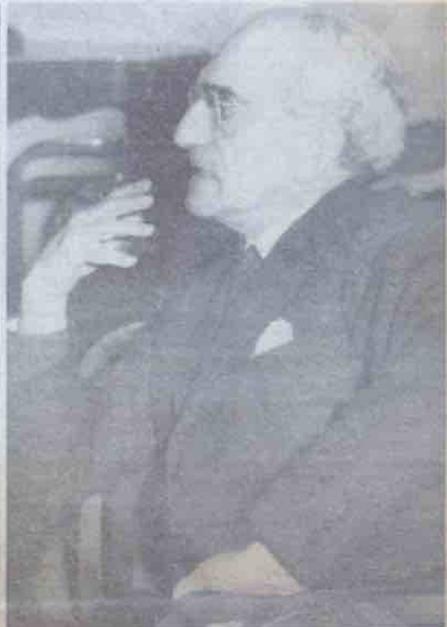
Director: MARTINHO NOBRE DE MELLO

Editor: E. Pinheiro de Oliveira — Propriedade da Sociedade Industrial de Imprensa — Sede: Rua Luz Soriano, 67 — Telef. 328291/3 (P. P. C. A.) — 328298 - 34830 - 34929 (Redacção) — 328297 (Publicidade)

**MARCELLO CAETANO** (ao receber a medalha de ouro de Mérito Corporativo e do Trabalho):

**«Os problemas do trabalho devem ser pacificamente resolvidos entre grêmios e sindicatos»**

Ler, na página 9 uma súpula do discurso do Chefe do Governo



Jack Dempsey, à direita, e o francês Georges Carpentier, mostram os punhos no restaurante do primeiro. Encontraram-se ambos há quarenta e nove anos, perante uma multidão de oitenta mil pessoas, no Boyle Thirty Acres, em Jersey City, para um combate de box, o primeiro da história que rendeu um milhão de dólares em bilhetes. Carpentier deslocou-se de França para os Estados Unidos, a fim de assistir à festa do 75.º aniversário de Dempsey, no próximo dia 24

UPI - TELIMPRENSA

(Telefoto especial para o «Diário Popular»)

**AMANHÃ:**

Períodos de céu muito nublado, vento fraco ou moderado nos quadrantes de este; algumas possibilidades de trovoadas, especialmente nas regiões montanhosas e no Norte.

(Previsão do Serviço Meteorológico)

## Signoret e Montand:



**ALMADA NEGREIROS**

— A MORTE DE UM ARTISTA EXTRAORDINÁRIO

• Página 11 •

**CONSELHO DE MINISTROS**

Sob a presidência do prof. dr. Marcello Caetano, reuniu-se esta tarde, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros.

## Diálogo sobre um itinerário político

• LER EM «VOLTA AO MUNDO» •

**SUBSECRETÁRIO DA ADMINISTRAÇÃO ULTRAMARINA**

É esperado hoje em Lisboa, no regresso da sua visita de trabalho a Timor, o subsecretário de Estado da Administração Ultramarina, comandante Sacramento Monteiro



**MEXICO 70**

**BRASIL-URUGUAI**

sensação nas meias-finais

• Telex do nosso enviado especial AURELIO MARCIO na 19.ª pág.

HOJE: 40 PÁGINAS

## INCLUINDO

**O SUPLEMENTO VOLTA AO MUNDO**

**POLUIÇÃO**

**A MAIS GRAVE AMEAÇA PARA O ANO 2000**

Leia a partir de amanhã uma série de artigos sobre este tema de transcendente actualidade

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**DUAS OPINIÕES NÃO DIVERGENTES SOBRE A AUTONOMIA DAS ILHAS ADJACENTES**

• PÁGINA 7 •

# A MORTE DE ALMADA foi muito sentida em todo o país

A morte de Almada Negreiros foi muito sentida em todo o País, em especial entre os meios artísticos e intelectuais. Finou-se um grande trabalhador das artes e das letras e a mais representativa figura que acompanhou apaixonadamente, nos participando, os movimentos mais marcantes da evolução da pintura moderna. Por temperamento, pelas múltiplas facetas do seu talento, dispersou-se na obra literária, na irreverência, especulação filosófica, na investigação e na arte de pintar, onde as suas altas qualidades se firmaram indiscutivelmente. Aquel, em especial, deixou generosa herança às gerações.

José Sobral de Almeida Negreiros, que nasceu em 7 de Abril de 1893 e foi baptizado em S. Tomé, onde seu pai era funcionário administrativo, frequentou em Lisboa, de 1900 a 1910, o Colégio de Campolide. Esteve, depois, um ano no Liceu de Coimbra, voltando à capital para frequentar a Escola Nacional. Revelou-se como caricaturista e desenhador na I Exposição dos Humoristas Portugueses, realizada em 1913. Fernando Pessoa, num artigo inserido na revista «Águia», apresentou-o ao público, elogiando as suas reveladas qualidades de artista. Mais tarde, dando início às suas actividades literárias, aderiu ao movimento da revista «Orpheu». O terceiro número da revista não chegou a publicar-se e o trabalho que para ela escrevera só apareceu em 1958, numa antologia de líricos dirigida por Jorge de Sena.

Em 1916, por ocasião da exposição de Souza-Cardoso, tomou a defesa do grande pintor, alvo de violentos ataques. Os contactos com Souza-Cardoso e a passagem por Lisboa do bailado russo de Giaghlieri ajudaram a formar a sua personalidade artística. A moda de Marinetti, criador do afamado «Futurismo», apareceu em Portugal pela mão de Almada Negreiros, que efectuou algumas conferências no S. Luís e publicou «Portugal Futurista».

Em 1919 seguiu para Paris com o propósito de ampliar seus horizontes e firmar sua consciência europeia. Durante um ano de grandes ensinamentos da dureza da vida adquiriu experiências humanas e tomou preocupações sociais. Quando regressou, em 1921, pronunciou na Liga Naval, apresentada por António Ferro, uma conferência subordinada ao título «A Invenção de Dia Claro». Colabora, entretanto, no «Diário de Lisboa» e escreve o romance «Nome de Guerra», só publicado em 1938. Pinta dois quadros para a Brasileira do Chiado.

De 1927 a 1932 fixa-se em Madrid, trabalhando como ilustrador em vários jornais e revistas. Escreveu, em castelhano, as peças «Precisa-se Mulheres» e «S. O. S.». De regresso a Lisboa, pronuncia a sua conferência «Portugal, Direcção Única», seguindo-se largo período de intensa actividade artística até à sua colaboração na «Exposição do Mundo Português», em 1940.

No ano seguinte, no Secretariado da Propaganda Nacional expõe «Trinta Anos de Desenho — 1911-1941». Três anos mais tarde, nova conferência no átrio do «Diário de Notícias» com este tema: «Descobri a Personalidade de Homero». São da sua autoria (1938) os vitrais da igreja de Nossa Senhora de Fátima e os frescos das estações marítimas de Alcântara e da Rocha do Conde de Óbidos. Em 1950, insiste nas suas interpretações do Político de S. Vicente de Fora das quais apresenta, sob vários ângulos, em 1926, durante o célebre «Questão dos Palméis», que apaixonou o País e se revestiu,

no fogo das questões pessoais, de aspectos trágicos.

Em 1954, Almada Negreiros pinta o hoje famoso retrato de Fernando Pessoa, considerado o melhor retrato de toda a nossa pintura contemporânea. A sua interpretação da vida encontrase no célebre painel «Começar» instalado na sede da Fundação Calouste Gulbenkian. Principiou a trabalhar na obra em 1968, terminando-a um ano depois. Foi o seu último grande trabalho de artista.

Almada Negreiros deixou vasta colaboração artística e literária em vários jornais e publicações de Portugal e de Espanha. Entre outros, recebeu os prémios Columbano (1942); Domingos Sequeira (1945); e «Hors Concours» da 1.ª Exposição Gulbenkiana; e Prémio Nacional das Artes.

Pintor de alto talento, profundamente intelectual, ansioso de renovação e revolução artística, Almada Negreiros deixa uma obra que enriquece, sem dúvida, o património nacional. Admirado por muitos artistas, discutido por outros que nunca deixaram de reconhecer as suas altas qualidades, o seguimento ainda por muitos outros, chegou às grandes massas populares, que hoje principiam a interessar-se pela sua obra, duran-

te sua apresentação no programa «Zip-Zip», de Raul Solnado, transmitido pela Televisão. Foi sua última apresentação em público — um público constituído por milhões de pessoas — que o consagrou como figura popular, pois a figura nacional estava já representada na sua obra.

Almada Negreiros era casado com a ilustre pintora Sara Afonso de Almada Negreiros, e pai da poetisa Ana Paula de Almada Negreiros e dos srs. arquitectos José Afonso de Almada Negreiros e Augusto Sobral. Hoje de manhã, o corpo do extinto foi transferido do hospital de S. Luis para a Basílica da Estrela, de onde o funeral sairá amanhã, às 12 horas, para o cemitério dos Olivais.

Entre as personalidades que hoje, até ao princípio da tarde, apresentam condolências à família, contavam-se os srs. eng. Venício Lezíadas, secretário de Estado da Agricultura e esposa; D. Francisco Xavier O'Neill de Avilez, dr. Cunha Leão; agente-geral do Ultramar; escultor Martins Correia; Manuel Campos Pereira; arquitectos Luís Alexandre da Cunha e Mário de Oliveira, António Homem de Mello e esposa, etc.

# «QUEREM FAZER-ME EM FILME PORQUE SABEM QUE VOU MORRER»

—disse o grande artista a propósito do documentário que o recorda para a posteridade

O último documento sobre a vida de Almada Negreiros está expresso num filme, até recentemente premiado em Espanha: «Almada Negreiros, vivo, hoje», realização do arquitecto António

Macedo, para as produções de Francisco Castro. Trata-se de um filme de 20 minutos, já seleccionado com o «Espiga d'Ouro» para valores humanos no Festival de Valladolid. O filme foi

estreado no Estoril quando ali se apresentou o pelicular português «Os Bero Avisos de Salomão». O mesmo filme encontra-se neste momento, no Ultramar a acompanhar ainda «Os Sete Avisos de Salomão».

Este manhã, Francisco de Castro falou-nos de Almada:

—Fui visitá-lo à quinta de Biceias e propus-lhe a realização de um filme sobre a sua vida e o seu obra. Nunca mais me esqueço que Almada me disse a sorrir: «Vocês querem fazer um filme comigo porque já pensam que eu vou morrer».

A pesar dessa sua alusão amarga, Almada deu-me todas as facilidades e pôs-se inteiramente à minha disposição. Obtive um subsídio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e comencemos as filmagens.

—Almada emocionou-se ao ver o filme.

—Ficou muito surpreendido quando viu pela primeira vez a fita no meu estúdio. Mas onde o vimos verdadeiramente emocionado e recebidos até pela sua esposa, foi quando ele viu, diante das câmaras, o «Manifesto». Vimos que ele queria voltar ao vigor dos vinte anos e esteve quase a desfalecer. De

## APRESENTAÇÃO DO NOVO PRODUTO (IRENAL)

Na noites «Cartoons» do Hon. H. A. administração do S. A. P. L. representante de Oreal de Paris em Portugal, oferece hoje um espectáculo, ao fim da tarde, a fim de apresentar o seu mais recente produto: IRENAL, um estruturante de cabelo.

O apreçamento de Almada Negreiros na primeira edição do programa «Zip-Zip», criado na RTP por Filinho Gouveia, Raul Solnado e Carlos Cruz, constitui um grande acontecimento e foi um meio excelente para a divulgação popular do grande artista e da sua obra. Nos últimos anos, foi essa a maior contribuição dada para que Almada Negreiros se tornasse, junto do povo, uma figura muito significativa do movimento intelectual português. Efectivamente, antes do aparecimento do artista naquele programa, havia, sem excepção, muitos milhares de portugueses que ignoravam o seu nome.

Esta manhã Filinho Gouveia descreveu ao «Diário Popular» as diligências efectuadas pela equipa «Zip» para que Almada Negreiros aparecesse nos pequenos ecrãs da TV.

—Durante as reuniões que eu e Solnado e Carlos Cruz efectuámos antes do lançamento do «Zip-Zip» — disse — procurámos exaustivamente algum que, pelo seu nível, fosse susceptível de abrir caminho ao aparecimento no programa de outros artistas e intelectuais portugueses. Foi nessas reuniões que um de nós se lembrou de Almada Negreiros. Ficou combinado que tiramos os três a casa dele convidá-lo a apare-

cer na primeira edição do programa. Eu não pude ir, por qualquer motivo, e foram visitar mestre Almada o Solnado e o Carlos Cruz. Eu soube, depois, que eles lhe falaram na nossa ideia. He disseram que era muito importante a sua presença, pois tratava-se de uma iniciativa nova que não poderia vencer se ele não colaborasse. Mestre Almada disse, então, ao Solnado e ao Carlos Cruz: «Então. Não é por mim que vou detetar de fazer-se uma coisa nova».

Filinho Gouveia recordou depois que Almada Negreiros participou em algumas reuniões com a equipa, para se delinear o programa e acrescentou:

—Almada Negreiros nunca nos levou a menor dificuldade. Foi sempre um homem simples, acessível e com um natural espírito de cooperação.

—Estava nervoso no dia do programa.

—Não. Apareceu muito calmo e manteve-se sempre muito calmo.

Filinho Gouveia disse-nos que Raul Solnado e Carlos Cruz tiveram dificuldades em realizar a entrevista. E afirmou:

—Almada era um homem muito difícil devido à velocidade espanhola do seu raciocínio. Além disso, usava uma linguagem muito própria e

pois, recompôs-se e recuperou muito bem, mantendo-se, de novo calmo.

Francisco de Castro disse-nos que foi difícil obter documentação sobre a obra de Almada.

—Ele não guardou quase nada. Estava tudo disperso pelo País e pelo Mundo.

O conhecido produtor de cinema disse-nos que já esta manhã recebeu telefonemas de distribuidores e exhibidores a pedir-lhe cópia da fita para a apresentar nos seus cinemas.

—Mas nada pude ainda resolver — disse-nos Francisco de Castro —, as cópias não estão em Lisboa. Vou ver o que consigo para que o público observe essa imagem viva do grande artista. Foi um dos filmes em que, sem toda a minha vida, pus mais cuidados — eu e António Macedo, que foi um realizador à altura da estatura humana e artística de Almada Negreiros.

## FURTO OU ACHADO?

Na avenida da República, ontem, à noite, a P. S. P. deteve um indivíduo, sergente de obras, natural de Torres Vedras, por transportar um saca-mala de viagem contendo um fardamento completo de soldado de Trem-Auto, um estojo de barba e diversos objectos de uso pessoal, que diz ter achado num prédio arruinado, na avenida Cinco de Outubro. Tudo indica, porém, que a mala foi furtada. Por um boletim de concessão de licença encontrado na mala presume-se que a mesma pertence a António José Baltazar. O detido foi enviado à Polícia Judiciária, juntamente com a mala e o seu conteúdo.

**Assalto a um escritório**  
Foi assaltado o escritório da Sociedade Comercial de Sacos de Papel, na avenida Duque de Avila, sendo furtados um cofre portátil, com 7030,90, e outros artigos. O caso foi participado à Polícia Judiciária.

que exigia uma grande agilitude mental para ser compreendida.

Depois do programa, Almada Negreiros teve de ficar vários dias fechado em casa porque, cada vez que saía, era assediado pelo público, que lhe pedia autógrafos e lhe queria falar. Mas, segundo Filinho Gouveia, o grande artista nunca se mostrou irritado com esse facto.

—Almada achava muita graça à popularidade que sentiu à sua volta depois de ter aparecido no nosso programa. Um dia contou-nos que, ao entrar num taxi, o chauffeur lhe disse:

—Tenho muita honra em transportá-lo, sr. Almada Negreiros. Não sabia que, em Portugal, havia uma pessoa tão importante como o senhor.

Almada nunca esqueceu esse episódio e contava-o com frequência aos seus amigos.

## MANUSCRITOS PORTUGUESES DO SÉCULO XVI LEILOADOS EM LONDRES

Na casa Sotheby de Londres, principiou hoje a leilão, se, como oportunamente noticiámos, uma das maiores colecções de manuscritos portugueses do século XVI existentes em todo o Mundo.

A colecção hoje levada à praça na capital britânica revelou acontecimentos de grande relevo na História da Europa e lança nova luz sobre muitas obras primas da Literatura.

Uma obra inédita de Gaspar Correia, que abrange os anos de 1481 a 1533 e refere a fixação dos portugueses na Índia e no Sueste Asiático é a que está a despertar maior interesse.

—No dizer do gregociário da Casa Sotheby, a colecção de documentos que hoje vai a leilão demonstra como Portugal com determinação e sem desânimos, abriu o caminho de leste aos grandes impérios ocidentais.

## O COLOQUIO SOBRE A CORTIÇA

O colóquio sobre os problemas da cortiça, ontem inaugurado na Feira Internacional de Lisboa, prosseguirá hoje de manhã, com a leitura de teses sobre as aspectos comerciais relativos aos aglomerados de cortiça e as características e possibilidades dos isoladores térmicos e acústicos, de autoria, respectivamente, dos eng.º Armando Tavares, António Carvalho e A. Andrade.

A seguir reuniu-se a Comissão Técnica dos Aglomerados Negros, que debateu os assuntos tratados anteriormente, e o conselho de administração da Confederação Europeia da Cortiça, para apreciação do relatório e contas relativas a 1969.

## CONFERÊNCIAS NA ORDEM DOS ENGENHEIROS

Por iniciativa do conselho cultural de Engenharia Electrotécnica da secção regional de Lisboa, da Ordem dos Engenheiros, realizaram-se, ontem, à noite, na sede do organismo, duas conferências sobre «Processos de libertação de energia nuclear» e «Tipos de geradores de vapor nucleares». Foram oradores, respectivamente, os eng.º Gaspar Teixeira e A. Jardim.

# UM DISCURSO DE NIXON SOBRE A IMPRENSA

WASHINGTON, 16. — O Presidente Nixon declarou a cerca de um editor de jornais internacionais, durante uma recepção na Casa Branca, que uma imprensa livre é essencial para a sobrevivência da liberdade.

Em breves observações a membros da Federação Internacional de Editores de Jornais, Nixon defendeu uma imprensa livre e disse: «Tendos ajudado, nos vossos países, a manter viva a liberdade».

O Presidente evitou qualquer crítica directa à imprensa americana, que foi atacada pelo vice-presidente Spiro Agnew, numa conferência da Federação que se realizou antes.

Depois de afirmar que «já não está na moda contar as duas versões de um acontecimento», Agnew disse: «Os meus diferendos com certas organizações da Imprensa falhada e escrita não provém do seu direito de criticar o Governo ou certos dos seus membros, mas do seu próprio direito a criticá-las, na medida e que dão mostras de injustiça, e não são merecedores de tais responsabilidades que lhes incumbem». — (F. P.)

# CURSOS RÁPIDOS DE PERFURAÇÃO (SISTEMA IBM)

CURSOS DIURNOS E NOCT. Próximo curso ainda com vagas: 23 de Junho. Inscrições e informações: EXTERNATO CONTINENTAL R. do Arsenal, 100-1. — Lisboa. Telefones 32 56 32 - 3 42 72